

10-2017

## África do Sul: de segregados a marginalizados

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). África do Sul: de segregados a marginalizados. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/69>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

de comunhão entre a festa que o boi vai proporcionar a todos e a pessoa que é homenageada. É também, em certo sentido, um ritual de aceitação da minha pessoa como um deles. Muitos diziam depois: agora és um Zulu e não podes deixar-nos. Este ritual é completado com a imposição de uma espécie de pulseira, cortada da própria vesícula e que a pessoa deve usar até ela se desfazer e rebentar com o tempo. Após tal tive que tentar dançar com eles – o que não é nada fácil. Mas, não sei se pelo meu esforço ou pelo meu pouco jeito, foi um dos momentos mais altos do convívio, expresso por toda a gente aos gritos de alegria e sorrisos de festa.

Enquanto tudo isto se fez, um grande grupo de pessoas tinha começado logo de manhã a cozinhar o boi, em grandes potes de ferro. À hora de almoço houve carne para toda a gente – e era muita – assim como arroz, pão típico, sem crosta, cozinhado em potes, salada de tomates e outras iguarias, tais como uma cerveja tradicional que as mulheres tinham preparado uns dias antes.

*‘Ação Missionária’, novembro de 1996, p.5.*

## ÁFRICA DO SUL DE SEGREGADOS A MARGINALIZADOS

*Estar e solidarizar-se com os habitantes do Hostels de Durban – África do Sul. José Manuel Sabença, ordenado em 1987, teve a sua primeira nomeação como missionário para África do Sul, entre os habitantes dos Hostels de Durban, de 1992 a 1997. É actualmente Director do 1º Ciclo de Teologia em Portugal. Ele descreve-nos a sua primeira e difícil, mas rica, experiência missionária (ainda bem viva na sua mente e certamente na de outros da sua comunidade de então), de solidariedade com as populações pobres desses Hostels, que ele fez, no período de tempo atrás referido.*

### UM NOVO PROJECTO NECESSITANDO DE OBREIROS

Em resposta a um pedido da Igreja local de Durban – África do Sul, e depois de um longo período de discernimento, a congregação enviou, em 1992, uma equipa europeia de 3 Espiritanos (dois da Província inglesa e um

da Província portuguesa) para iniciarem um trabalho pastoral para o qual a Igreja local tinha grande dificuldade em encontrar obreiros, incluindo entre o próprio clero local.

Nomeado pelo conselho Geral para o projecto Hostel, fomos bem aceites e apoiados pelo Distrito sul-africano que alargava assim o seu leque de acção a outra diocese: Durban; outro povo: Zulu e outra situação: os Hostels.

## BREVE DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO

### **Mão-de-obra barata**

O governo racista sul-africano tinha libertado Nelson Mandela. Estava-se num período tenso de transição política para a democracia e fim do sistema de apartheid.

Os Hostels tinham sido palco de contestação viva, e por vezes violenta, ao regime. Eles tinham sido criados para albergar a mão-de-obra negra não longe das cidades e das indústrias. Eram - e são grandes dormitórios sexistas que chegam a albergar desde 10 a 25 mil homens em quartos com 4,6 ou mais indivíduos. Nos arredores de Durban há cerca de 100 mil pessoas vivendo em Hostels, 8 mil das quais são mulheres repartidas por dois Hostels. A segregação e acantonamento vai a ponto de separar a unidade familiar, pondo o marido de um lado, a mulher do outro. As crianças ficaram na zona rural donde os pais são provenientes. Os Hostels tornam-se um local de uma subcultura quase do tipo proletariado, onde o homem interessa enquanto mão-de-obra barata e próxima dos locais de trabalho, mas ao mesmo tempo isolado e controlado por um sistema policial rígido e apertado. Cada homem ou mulher é conhecido pelo número do quarto e da cama, que pode ter como vizinho de cama alguém completamente desconhecido.

### **A vida sub-humana dos Hostels**

Com a democratização da sociedade e a crise do desemprego, os Hostels tornaram-se habitação barata em periferia de cidade e centros de agitação sócio-política onde todo o género de vírus encontra campo aberto. Quando chegamos, em 1992, os Hostels eram antros de violência, crime e alcoolismo, promiscuidade sexual, droga e desemprego e sida a par com uma desconfiança generalizada e condições sub-humanas que conduzem à perda da dignidade humana e ao questionamento do sistema tradicional de valores.

Nos Hostels há muitos cristãos. São homens e mulheres que, enquanto crianças ou jovens, foram tocados e evangelizados pelas diferentes e múltiplas Igrejas cristãs que estão espalhadas por toda África do Sul, urbana e rural. Mas com processo de urbanização e corrida para as cidades, no qual se integra o fenómeno dos Hostels, há um desenraizamento também religioso que não foi acompanhado pelas respectivas igrejas cristãs. O cristão sente-se perdido, sem referência e perde a sua prática cristã, ou então torna-se alvo fácil de outras pequenas igrejas independentes que crescem como cogumelos nas zonas suburbanas.

É neste contexto social e religioso que a nossa congregação é chamada a responder a uma preocupação e necessidade da igreja local: estar presente e ser um sinal no meio destes homens e mulheres que são olhados como gente de segunda classe, inclusivamente pelas populações negras que rodeiam os Hostels.

## FAZ-TE NEGRO COM OS NEGROS

Imbuídos no ardor apostólico, fomos enviados, todos os três, em primeira nomeação para responder a este pedido da Igreja local que, por muitas razões, se inseria bem dentro das prioridades da nossa Congregação e na linha do nosso carisma Espiritano que os nossos fundadores nos legaram. Estávamos todos bem conscientes da dificuldade do ministério a desenvolver. Era preciso começar do zero; os brancos não eram bem aceites nos Hostels, não conhecíamos a língua – o Zulu, nem estávamos por dentro do complexo tecido social e político da África do Sul naquela hora de viragem. Tínhamos vontade de responder ao apelo e desafio da Igreja local e uma convicção de que, antes de mais, precisávamos de nos aproximar o mais possível da situação do povo.

### **Esforços de inculturação**

Iniciamos um curso de língua que ao longo de 6 meses nos foi treinando e moldando para aceitarmos a diversidade e renunciarmos a nós mesmos. A aprendizagem da língua viria revelar-se de importância capital no desenvolvimento do trabalho apostólico. Por um lado, ajudou a quebrar o gelo inicial no relacionamento: não eram muitos os brancos que sabiam falar o Zulu ou se esforçavam por o aprender. Por outro lado, estávamos a reconhecer que a língua do nosso interlocutor é algo de importante e, por isso, se sente respeitado e dignificado.

A aprendizagem da língua não é suficiente se não for acompanhada por um processo de encarnação que nos leve ao conhecimento mais profundo da cultura, dos seus dinamismos, seus problemas e anseios. E isto só se pode fazer bem se houver um verdadeiro esforço de encarnação a que costumamos chamar de inculturação, não ainda do evangelho, mas primeiro do missionário que vai ser o portador da mensagem evangélica. Sabemos quanto este projecto difícil e moroso, mas é necessário percorrê-lo, se queremos que a mensagem que anunciamos tenha um impacto na vida real e concreta das pessoas.

Inculturação não se faz com grandes teorias ou discursos, mas sim com a vida, com prática. Daí, que, na impossibilidade de nos alojarmos num Hostels, decidimos pedir ao Bispo um bairro negro na periferia de um dos Hostels. Aí construímos a nossa casa simples e aberta, onde vivemos em comunidade, à escuta do povo e aprendendo com ele a viver ao seu jeito.

Mais tarde, ao fim de 4 anos, já havia condições para uma inserção mais profunda nos próprios Hostels. Fruto desse caminho andado, foi possível viver parte da semana num Hostels, numa grande barraca de zinco. Desse jeito, pudemos sentir-nos ainda mais próximos dos pobres, vivendo mais ao seu modo e testemunhando quanto os respeitávamos e os apreciávamos pela presença bem como no meio do coração da pobreza. É que só na medida em que entramos no coração de alguém podemos amá-lo de verdade e deixar que o seu amor também nos toque e transforme.

### **Um desafio à nossa conversão**

Os pobres evangelizam sim, mas não com muitas palavras, porque até nisso são pobres. Não aprenderam, não sabem ler... mas estão, até por causa da sua vida sofrida, mais próximos de Deus, mais perto do Evangelho e da sua radicalidade, mesmo que muitas vezes não o saibam. São, por isso mesmo, um convite, um desafio à nossa conversão. Como fazer com que esse desafio se torne mesmo uma realidade vivida e na nossa vida pessoal e comunitária apareçam frutos e sinais dessa pobreza? Será possível para nós que fomos formados numa sociedade ou mentalidade médio-burguesa aceitar totalmente este desafio? Não basta viver numa barraca como eles, nem que fosse todos os dias. Não é suficiente comer como eles e ter o mínimo necessário como eles. Ser pobre é sentir a fragilidade, a insegurança do amanhã, a humildade de se reconhecer dependente e aberto ao outro e aquilo que o outro pode partilhar com ele, nem que seja só uma palavra, um sorriso, uma visita. Estar à escuta e deixar-se interpelar continuamente parece ser o caminho a seguir.

Caminho de todos os dias em que tomamos como companheiros de jornada o próprio povo, os pobres, daí a necessidade de estar presente, no meio deles.

## NO MEIO DO POVO À ESCUTA DO SEU CLAMOR

### **‘Peace workers’**

A nossa opção em vivermos no meio do povo foi o ponto de partida necessário para o poder escutar e estar presente na sua vida de dor e alegria, nas suas lutas e vitórias. Embora sem nos envolvermos politicamente num sentido directo, porque isso seria tomar partido por uma parte do povo, ele mesmo dividido, quisemos estar presentes não só quando o povo aclamava vitória da democracia, mas também quando o povo chorava a morte violenta, o medo e a tensão. Várias vezes ouvimos testemunhos dizendo que desde o momento em que nos viram com eles, sobretudo nos momentos difíceis, compreenderam que estávamos ali para sermos com eles e porque Alguém era mais forte e nos unia num só ideal de Paz e Justiça. Sem nunca termos tido o nome oficial de ‘Peace workers’ fomos sendo agentes de paz em momentos de tensão e algumas vezes valeu-nos o cabeção para que fôssemos deixados em paz.

### **Uma presença persistente**

Esta nossa aposta pela presença a tempo e fora de tempo não se deu sem os seus riscos. Vários ataques e ameaças apareceram-nos pelo caminho. Várias críticas e acenos de loucura chegaram também aos nossos ouvidos. Mas a confiança nAquele que nos enviou e consagrou para este serviço nunca nos abandonou e fez-nos permanecer.

Esta presença e persistência conduziu-nos a um contacto directo com a realidade que, ao jeito dos apóstolos, fazíamos dois a dois. De quatro em quatro, de barraca em barraca, fomos visitando, ao longo destes anos, milhares de pessoas. Para fazer o quê? Para fazer nada, mas sim estar, estar com o povo, sentar com ele, ouvir, escutar... sentir com ele. A muitos dávamos um pouco mais de esperança, a outros mais dignidade e respeito, a outros calor nas suas dores e chagas, a outros a coragem de recomeçar o caminho da esperança e a outros ainda, mas poucos, um pouco de pão. Não pretendíamos arrebanhar, fazer proselitismo ou católicos à força. Não fazíamos distinções e até visitávamos quem tem outra maneira de acreditar.

Esta presença foi incomodando muita gente e pondo questões. O quê que eles querem de nós? Se chove, cá andam! Se está muito calor, cá estão! Se é feriado, aqui se vêem! Se há zaragatas e tensão, não fogem! O que os move? Quem são? A resposta daqui ou dali não tardava: São padres católicos! Desta inquietação nasceu em muitos a fé ou o regresso à casa do Pai.

## Na psicologia de Jesus

A nossa experiência foi-nos ensinando que Jesus tinha muita razão e sabia muito de psicologia e de pastoral, quando enviou os discípulos dois a dois. É mais difícil partir dois paus juntos, do que cada um por si. Dois pares de olhos vêem mais e melhor e sobretudo quando os dois voltam a casa têm sobre que conversar, questionar-se sobre a maneira de fazer submeter-se ao juízo crítico do outro. Ser dois é bom para quem recebe, mesmo que a pressa tenha que procurar mais um banco na casa ou quarto do vizinho, e é bom para quem vai. É que há também o apoio mútuo e fraterno, muitas vezes até silencioso, de quem dá os primeiros passos, num mundo novo, hostil por vezes e desgastante por outro.

Vale a pena sacrificar a eficiência pastoral e mais alargada presença do povo que clama e sofre, em favor de um luxo de serem dois ou três missionários a trabalhar em conjunto, abrangendo, por isso mesmo, um muito menor número de situações que, no entanto, precisam de cuidado pastoral? Não há respostas definitivas nem taxatórias ou universais. Com certeza que para cada situação pastoral deverá haver uma solução diferente. Nem nós próprios éramos tão amigos uns dos outros que sempre tivéssemos de andar dois ou três. Uma chamada para visitar um doente não precisa de ser necessariamente a dois, mas uma visita a uma família enlutada, talvez já mereça essa delicadeza. No entanto, quando somos inexperientes tal como nós éramos em situação de primeira nomeação, e o trabalho que nos é pedido não tem modelos já experimentados ou estabelecidos e o projecto é novo, então só há um conselho de Jesus: 'enviou-os dois a dois para anunciar; 'Paz a esta casa''. Ao fim do dia ou da semana visitamos menos gente, mas fomos conhecendo melhor aqueles que visitávamos.

## A “graça original” perdida

A comunidade – nós – sintonizava perfeitamente com a realidade das pessoas de quem se falava à mesa e por quem se rezava, depois de termos recordado uns aos outros os nomes das pessoas. No início tivemos o cuidado ou graça original de fazer uma avaliação escrita diária assim como uma preparação comunitária das actividades de tipo litúrgico a par com uma pequena planificação e tácticas pastorais. Ao mesmo tempo íamos olhando uns para os outros e descobrindo melhores maneiras de fazer e de estar. Havia tempo para tudo isto porque até nem tínhamos connosco o mata tempo dos nossos dias, a TV.

Com o crescimento do trabalho e respostas a mais apelos vindos da igreja local, perdemos esta graça original e já eram menos frequentes estas

avaliações, mesmo sem ainda termos cedido à tentação de matar algum tempo diante da caixa mágica. Com isso não quero dizer que tínhamos tempo de descanso, repouso e distração. Tínhamos e sentíamos necessidade dele. Mais tarde também com o aumento das responsabilidades e encargos, também esse tempo foi sendo mias curto. A tentação do fazer, aliada às necessidades do povo, foi-nos tirando o repouso necessário e imprescindível quer para a comunidade quer para o bem do povo a quem servimos.

## UMA COMUNIDADE EVANGELIZADORA

E comunidade internacional de raiz europeia, mas com uma predominante nacional (dois britânicos e um português), fomos crescendo no respeito mútuo, na amizade fraterna e na entrega como comunidade a um projecto pastoral. O nosso estilo de vida simples e em comum, com uma casa aberta a todos, especialmente às crianças e sua curiosidade singela, foi granjeando admiração, mesmo a nível do clero local e outras congregações religiosas, e fez da nossa comunidade evangelizadora, por si mesma, porque era um convite – e talvez um exemplo – a viver em família.

Deus é trindade e é perfeito. Nós éramos três também, mas não perfeitos. No entanto comungávamos todos de uma mesma vocação missionária e religiosa e, com algumas diferenças de pormenor, partilhávamos todos a mesma herança espiritana. Será que a nossa formação nos formou para esta vida comum espiritana e nos transmitiu o zelo apostólico que nos aproximou do povo por uma vontade sempre maior de encarnação no seu meio? Não sei a resposta, mas ao olhar ou ouvir falar de outras experiências em comunidades internacionais, sou tentado a pensar que esta mesma mística espiritana não foi transmitida.

Procurarei ser mais claro, embora correndo o risco de ser mal interpretado. Até que ponto em certas circunscrições, nomeadamente na África, a nossa formação insiste e educa para a vida de comunidade com os seus riscos e desafios, as suas riquezas e vantagens ou, frente à diminuição de vocações no Hemisfério norte, aceitamos qualquer jovem que queira ser padre antes de querer ser religioso? Até que ponto não terá havido uma espécie de complexo de culpa de colonialista que fez com que os formadores na África – quando no início eram Espiritanos do hemisfério norte – se compadecessem na aceitação de candidatos à vida espiritana e missionária? Ao colocar estas questões não quero julgar ou minimizar o trabalho de tantos confrades que deram a sua vida e toda a sua vida ao serviço da Missão da Igreja. Também não quero, tão pouco, dizer que os confrades africanos são menos Espiritanos do que nós.



São questões que me coloco quando, meio em voz surda, vamos ouvindo experiências difíceis pelas quais a Congregação está a passar. Uma certeza prática me invade. Para além do folclore de criarmos equipas com um confrade de cada nação, penso que será muito mais sensato e benéfico para todos que haja uma certa consistência em cada grupo internacional, como por exemplo, dois de um país e um de outro.

A nossa comunidade também passou por momentos difíceis inclusive o abandono da vida espiritana e sacerdotal por um dos confrades, aquele cuja ordenação tinha sido mais recente. Tal como em dias normais também nestes dias a oração em comum foi sempre uma constante que foi dando forças às nossas vidas e colocando-nos em sintonia com o plano de Deus e à escuta do Espírito.

## O ESPÍRITO SANTO, LUZ PARA O DISCERNIMENTO

Em comunhão com a Igreja local, desde o início quisemos procurar a vontade de Deus sobre o ministério a que éramos chamados e qual seria a melhor maneira de lhe responder, tendo presente também o nosso Carisma Espiritano.

O clero local foi-nos indicado que seria melhor para o nosso trabalho termos uma base paroquial da qual poderíamos irradiar para o nosso trabalho nos Hostels. Conscientes de que a vida paroquial nos poderia absorver demasiado, pedimos uma paróquia pequena. Porque a sociedade sul-africana se encontrava em mudança, pedimos para que essa paróquia fosse num bairro negro próximo dos Hostels. Foi-nos oferecida Clermont, pedimos Lamontville. Aí vivemos, depois de termos construído uma pequena residência tipo familiar. Daí irradiamos para o trabalho nos Hostels num raio de 30 km.

Com o evoluir do trabalho, fomos descobrindo que um dos objectivos seria procurar a integração dos católicos dos Hostels na vida paroquial.

Mais tarde, a pedido do bispo, fomos discernindo que seria mais tipicamente Espiritano aceitar uma grande paróquia de periferia de cidade, mais de 200 mil pessoas, na qual está incluído o maior Hostel de Durban, Kwa-Dabeka. Com grande esforço pessoal e em detrimento da qualidade da nossa vida comunitária aceitamos esse desafio e fomos pondo o Distrito em sintonia com esta realidade. Passados dois anos, o distrito adere também a este projecto e envia mais confrades para então criarem duas comunidades espiritanas que, na sua área, continuam o trabalho dos Hostels. Com o estabelecimento destas comunidades, alguns confrades podem dedicar mais tempo ao trabalho nos Hostels. Há assim um regresso ao trabalho inicialmente pedido pela

Igreja local e um alargamento de acção que inclui o envolvimento crescente de todo o Distrito da África do Sul.

No meio de luzes e sombras, o Espírito de Deus foi-nos conduzindo a uma maior fidelidade ao nosso Carisma Espiritano e a uma melhor resposta àquilo que a Igreja local nos pede como presença e sinal de esperança no ambiente dos Hostels.

## EXPECTATIVAS PARA A MISSÃO ESPIRITANA

Olhando para a nossa experiência cuja releitura ainda se está a fazer, parece-me poder antever, de momento quais são os desafios e expectativas para a nossa Missão espiritana no século XXI.

Seremos uma comunidade religiosa que é missionária: pela sua internacionalidade, pela sua presença em meios pobres e difíceis, pela sua vida e oração comum e pelo seu trabalho em equipa.

Tudo isto tendo em atenção o clamor dos pobres que Deus ama e os dinamismos que o Espírito Santo suscita em nós para uma maior comunhão interna e uma maior solidariedade com a igreja local e suas prioridades.

*'Encontro', Dezembro de 1999, pp.16 a 21.*

## **SANTIDADE E COMUNHÃO** RENOVAR E PARTILHAR O APELO À SANTIDADE

A redescoberta da Igreja como “mistério”, ou seja, como “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, não podia deixar de implicar um reencontro com a sua “santidade”, entendida no seu sentido fundamental de pertença Àquele que é o Santo, o “três vezes Santo” (cf. Is 6,3). “Professar a Igreja como santa significa apontar o seu rosto de Esposa de Cristo, que a amou entregando-Se por Ela precisamente para a santificar (cf Ef 5, 25-26). Este dom de santidade, por assim dizer, objectiva é oferecido a cada baptizado.” (Cf. Novo Millennio Ineunte, 3)